

PROVÃO SURPRESA

DIRETORES E PAIS DE ALUNOS
DA REDE PÚBLICA RECLAMAM
DE TESTE APLICADO PARA
AVALIAR ENSINO DE 1º GRAU

Humberto Rezende
Especial para o Correio
Ana Helena Paixão
Da equipe do Correio

A secretária de Educação, Eurides Brito, cumpriu ontem uma promessa que fez assim que assumiu a pasta no começo deste ano — avaliar os projetos pedagógicos das escolas públicas do DF. Quarenta e cinco mil estudantes da rede pública responderam questões de matemática e português, além de preencher um questionário sócio-econômico. As provas foram elaboradas pela Fundação Cesgranrio.

A fundação é responsável por três testes de avaliação do Ministério de Educação (MEC) — aplicados para estudantes de escolas de 1º, 2º e 3º graus em todo o país. O objetivo da Secretaria de Educação, ao contratar a Cesgranrio, é garantir que a metodologia adotada no DF seja a mesma utilizada pelo MEC. Assim, o governo local também poderá comparar os resultados do DF com aqueles obtidos por estudantes de outros estados.

Nem todas as escolas de 1º grau do DF passam pelo exame. “É uma mostra, escolhida a partir de um sorteio em que todas as escolas do Ensino Fundamental (1ª a 8ª séries do 1º grau) do DF participaram. Estamos avaliando o projeto pedagógico das escolas públicas locais”, detalhou Eurides Brito.

Em reunião com diretores dos colégios escolhidos, representantes da Fundação Educacional (FEDF) informaram que a Secretaria de Educação pretende montar um projeto pedagógico unificado para as escolas locais a partir dos resultados do exame aplicado. O projeto entraria em vigor nos próximos três anos.

ESCOLA CANDANGA

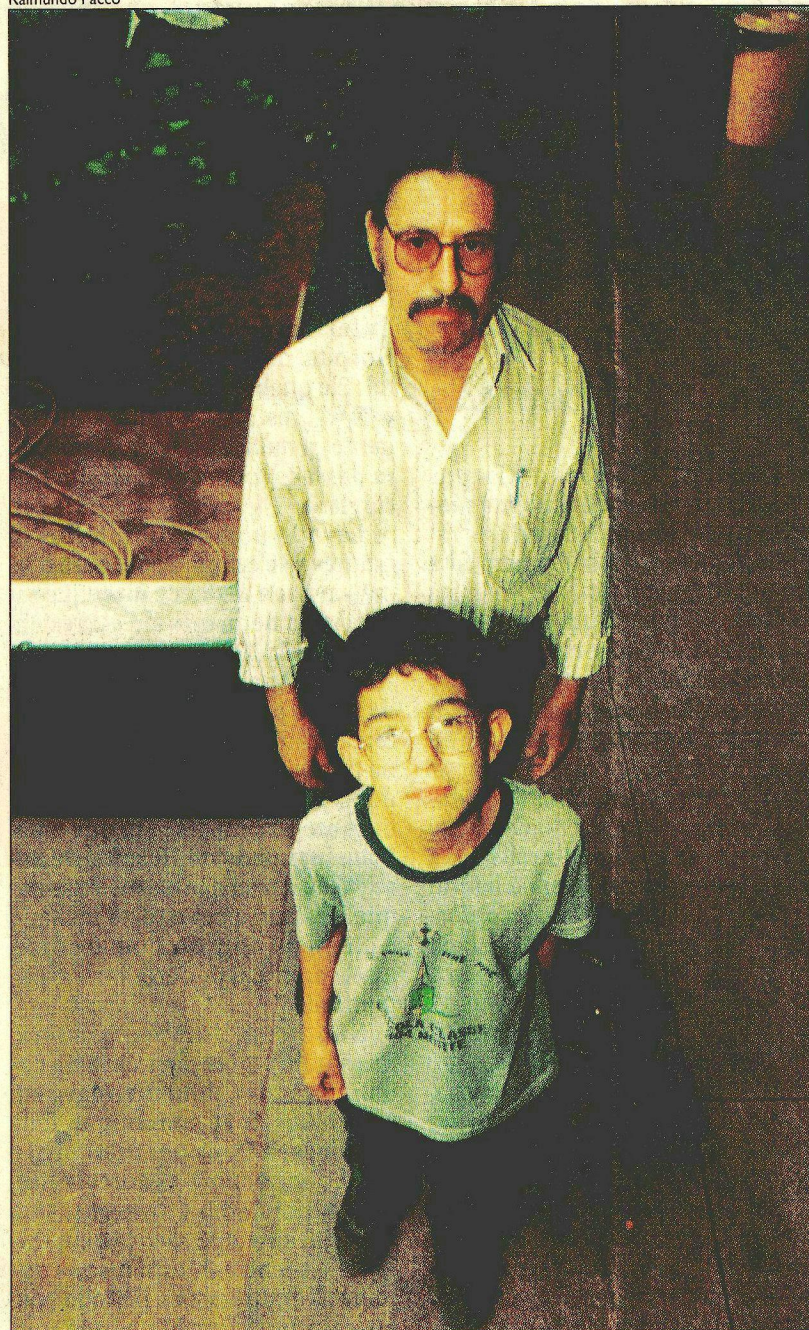
Para muitos diretores das escolas avaliadas, as provas representam um teste para verificar a eficiência da Escola Candanga — sistema de ensino no qual os alunos passam por fases (e não séries) e são divididos por idade. “A secretária deu várias declarações dizendo que contrataria uma empresa para avaliar a Escola Candanga. Tudo leva a crer que foi isso que aconteceu ontem”, afirma a diretora da Escola Classe 15 da Ceilândia, Maria do Socorro Belarmino.

A diretora da Escola Normal, também na Ceilândia, Marinês Martins, também questiona o sistema de avaliação. “Foi feito de forma impositiva. Não fomos consultados, não tivemos acesso às questões, não sabemos para que serve”, diz.

As provas aplicadas eram de múltipla escolha. Os estudantes tiveram que preencher um cartão de resposta, semelhante àqueles utilizados em vestibulares. “Sou a favor da avaliação, mas acho que o método adotado não foi o correto. Na Escola Candanga, os alunos não estão acostumados com esse tipo de prova. Eles são avaliados pelo processo de aprendizagem, que respeita o ritmo de cada um, e não pelo conteúdo”, diz Relcytam Caribé, diretora da Escola Classe da 312 norte.

A secretária Eurides Brito foi enfática ao garantir que o exame não visa avaliar apenas a Escola Candanga. “É para avaliar todas as escolas”, destacou.

Raimundo Paccó



Alvino Lemos, com o filho Gabriel: “Deviam avaliar os professores”

O clima de insegurança também atingiu pais e professores da Escola Classe 304 Norte na tarde de ontem. Os pais só foram informados da aplicação dos testes na segunda-fei-

ra. Eles tentaram impedir a realização das provas, mas a direção manteve o teste.

A aplicação das provas foi criticada. “As crianças estão sozinhas. Não

deixam os professores ter acesso às salas. Estão trancados desde às 14h30. Não sabemos o teor das questões que eles vão responder. Não sabemos nada desta prova”, alertou a coordenadora pedagógica do colégio, Isabel Cristina dos Reis. “Foi pior na 5ª série. Eles estão em sala desde às 14h30. São 16h20 e a prova ainda não começou”, preocupava-se.

O atraso nas turmas de 5ª série foi causado por uma falha básica: faltou prova para um dos estudantes. Como todos os testes eram numerados, não foi possível tirar uma fotocópia do exame. Assim, todos os alunos (com idade média de 10 anos) tiveram que aguardar até que chegasse a última prova.

A comunidade também questiona o objetivo da avaliação. “Disseram que a prova vai avaliar o projeto pedagógico das escolas, mas como fazer isso submetendo os alunos às provas? Deviam avaliar professores, direção, não os alunos. Não disseram nem que turmas fariam a prova hoje”, estranha Alvino Lemos, pai do aluno Gabriel, 8 anos.

Alheios à discussão, os próprios alunos não sabiam do que se tratava aquelas provas. “Achei que podia valer nota, mas aí o professor (o estudante universitário Carlos dos Santos, contratado para aplicar o teste) explicou e fiquei mais tranqüila”, conta Carolina Guimarães, 11 anos, aluna da Escola Classe da 312 Norte. Ela diz não saber para que serve a prova ou o que é Escola Candanga.

Seu colega Júlio César Kiyunahiga, 10 anos, arrisca uma resposta: “Acho que Escola Candanga é aquela em que a gente fica mais tempo”. Júlio e Carolina não acharam as provas difíceis e acreditam que acertaram a maioria das questões. Outros alunos já se sentiram mais inseguros quanto ao seu desempenho. “Tinha algumas fáceis, mas outras bastante difíceis”, disse, depois da prova, a aluna Virgínia Torres, 11 anos.